

# VÁRIA

## Congresso do Mundo Português (Pre-história e Proto-história)

O Congresso do Mundo Português que se realiza por ocasião dos Centenários da Fundação e Restauração da Nacionalidade, abrange, na verdade, vários Congressos, o primeiro dos quais, relativo à pre- e proto-história de Portugal (e história até à Reconquista cristã), se efectuará no Pôrto em 4 de Julho de 1940, com o seguinte programa:

### 1.ª SECÇÃO — Pre-história

1 — Paleogeografia: Relações do território com antigas terras atlânticas. O homem terciário. Glaciarismo, terraços, fauna e flora quaternárias no País.

2 — O paleolítico português, seus problemas estratigráficos e tipológicos, suas divisões, suas relações com culturas de outras regiões. Os concheiros mesolíticos do Ribatejo. Os problemas do asturiense português.

3 — Origens e cronologia do neo-eneolítico português. A cultura do vaso campaniforme em Portugal. Expansão das culturas indígenas.

4 — Os problemas cronológicos da nossa idade do bronze. Origem da metalurgia no País. Relações com o Mediterrâneo e o norte da Europa. A introdução do uso do ferro em Portugal.

5 — Contribuição portuguesa para o estudo da pre-história geral. Sobrevivências folclóricas e folclore dos monumentos pre-históricos em Portugal.

6 — Bibliografia.

### 2.ª SECÇÃO — Proto-história e história até à Reconquista cristã

1 — As mais antigas referências históricas ao território português. Os fenícios e os gregos no Ocidente e as mais antigas colonizações. Os problemas lígure e etrusco. O poema de Avieno e a geografia e etnologia antigas de Portugal. A invasão celta.

A cronologia e divisões da idade do ferro. Síntese da cultura dos castros. Celtiberos e Lusitanos. Os cartagineses na Lusitânia.

2 — Papel histórico dos Lusitanos e Calaicos. Viriato.

3 — A história da Lusitânia depois da morte de Viriato. Ser-tório. César na Península. Augusto.

4 — As ocupações romana, germânica e árabe e sua influên-cia, no povoamento, na vida social, na língua, na cultura, na toponímia, no folclore.

5 — As cidades, as vilas, as póvoas marítimas e os muni-cípios, núcleos político-sociais e dêmicos do futuro Portugal. Cale e Portucale.

### 3.<sup>a</sup> SECÇÃO — Antropologia pre- e proto-histórica

1 — Tipos físicos humanos nos concheiros de Muge.

2 — Síntese da antropologia do neo-eneolítico português.

3 — Antropologia da idade do ferro e das épocas romana, germânica e árabe em Portugal.

4 — Relações entre a antropologia do português actual e a dos tempos pre- e proto-históricos.

5 — Depoimentos portugueses sôbre a etnologia geral.

6 — Bibliografia.

A secção dos Congressos da Comissão Executiva dos Cen-tenários é assim constituída:

DR. JÚLIO DANTAS, antigo ministro, presidente da Academia das Ciências de Lisboa, membro da Academia Portuguesa da His-tória e da Academia Brasileira de Letras, procurador à Câmara Corporativa, membro da Comissão Internacional de Cooperação Intelectual, presidente da Comissão Executiva dos Centenários, director da Secção de Congressos, presidente do Congresso do Mundo Português; DR. ANTÓNIO GARCIA RIBEIRO DE VASCON-CELOS, professor jubilado da Faculdade de Letras da Universi-dade de Coimbra, presidente da Academia Portuguesa da Histó-ria, membro da Academia das Ciências de Lisboa; CONDE DE PENHA GARCIA, antigo ministro, presidente da Sociedade de Geo-grafia, director da Escola Superior Colonial, presidente da Comis-são organizadora do Congresso Colonial; ENG. FRANCISCO NOBRE GUEDES, deputado, secretário geral do Ministério da Educação Nacional, director geral do Ensino Técnico, comissário nacional da Mocidade Portuguesa, presidente da Comissão organizadora do Congresso Internacional da Mocidade; DR. JOSÉ MARIA DE QUEIROZ VELOSO, professor jubilado e antigo director da Facul-

dade de Letras da Universidade de Lisboa, antigo director geral do Ensino Superior, membro da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa da História; DR. JOÃO DA PROVIDÊNCIA E COSTA, professor e director da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, director da Biblioteca central da mesma Universidade; DR. ANTÓNIO AUGUSTO ESTEVES MENDES CORREIA, professor da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto, membro da Academia das Ciências de Lisboa e da Aca-demia Portuguesa da História, procurador à Câmara Corporativa, presidente da Câmara Municipal do Pôrto, presidente da Comissão organizadora do Congresso de Ciências da População; JOAQUIM LEITÃO, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa, secretário da Assembleia Nacional; AFONSO DE DORNELAS, se-cretário geral da Academia Portuguesa da História, membro da Academia das Ciências de Lisboa; COMANDANTE HENRIQUE QUI-RINO DA FONSECA, membro da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa da História; DR. MANUEL MÚRIAS, membro da Academia Portuguesa da História, director do Arquivo Histórico Colonial, secretário geral do Congresso do Mundo Por-tuguês.

A sede da Comissão Executiva dos Centenários, da secção de Congressos e da Secretaria do Congresso do Mundo Portu-guês: Avenida da Liberdade, 226, Lisboa.

### Algumas indicações regulamentares:

1.<sup>o</sup> — Podem inscrever-se como congressistas, em qualquer congresso, portugueses, brasileiros e súbditos estrangeiros de tôdas as nações com as quais Portugal mantenha relações diplo-máticas.

2.<sup>o</sup> — As comunicações não devem exceder 16 páginas dacti-lografadas, e podem ser acompanhadas de mapas, gráficos ou fotocópias.

3.<sup>o</sup> — Tôdas as comunicações relativas aos seis primeiros congressos têm de dar entrada na Secretaria geral (Avenida da Liberdade, 226, Lisboa) até 30 de Novembro de 1939, impreter-ivelmente; serão remetidas provas tipográficas aos autores, para revisão, até 31 de Janeiro de 1940; até 30 de Abril todos os congressistas receberão, já impressas, as comunicações da secção ou secções em que forem inscritos.

4.<sup>o</sup> — Para o Congresso luso-brasileiro de história, o prazo da entrega das comunicações termina em 31 de Dezembro de 1939, recebendo os congressistas provas tipográficas até 28 de Feve-reiro, e, até 30 de Abril, os textos impressos.

5.º — Tôdas as Universidades, Academias, Institutos e outras colectividades estrangeiras especializadas que o desejem (com a reserva expressa no número 1.º) e assim o notifiquem à Secretaria geral dos Congressos até 31 de Dezembro de 1939, poderão aderir ao Congresso do Mundo Português e fazer-se representar no acto de inauguração solene, que se realiza na Assembleia Nacional, sob a presidência do Chefe do Estado, na noite de 1 de Julho de 1940.

### Congresso Nacional de Ciências da População

A inclusão de um Congresso Nacional de Ciências da População no programa das comemorações nacionais de 1940 traduz um oportuno interesse pelo estudo das raízes, virtualidades profundas e capacidade realizadora do povo português.

Sem deixar de abordar questões gerais daquelas ciências, hoje na ordem do dia em paízes que se preocupam com a vitalidade e o futuro das respectivas populações, o Congresso tratará de modo especial êsses problemas no que respeita à população portuguesa.

Estudar a nossa população é procurar encontrar no campo da investigação científica uma das razões mais explicativas da vincada personalidade lusitana, chave, sem dúvida, do sêgrêdo da nossa actuação histórica de oito séculos. Ao mesmo tempo é delinear perspectivas e directrizes de acção nacional.

Se o meio subordina a si o homem, é inegável que o homem valoriza o seu esforço orientando essa adaptação. E nisto, positivamente, está o melhor elogio da sua condição de ser superior.

É de esperar que dêste Congresso resultem elementos da mais alta importância, não só para o esclarecimento científico de problemas nacionais de carácter especulativo, mas ainda para providências e realizações no sentido do aperfeiçoamento e maior valorização da gente portuguesa.

A divisão em secções e sub-secções impôs-se como conveniente pela multiplicidade das especializações a versar. Essa subdivisão variou do Congresso Internacional de Roma de 1931 para o de Berlim de 1935, e ainda nas conferências da União Internacional das Ciências da População, em Paris. São essas diferenças consequência natural das múltiplas relações e interferências dêsses ramos de estudo uns com os outros, podendo o mesmo assunto ser encarado simultâneamente, por exemplo, como tema de sociologia, de demografia, de economia política ou de geografia humana.

Na organização do Congresso foram previstas cinco secções: 1.ª, Demografia e higiene; 2.ª, Antropologia; 3.ª, Etnografia; 4.ª, Problemas sociais da população; 5.ª, Problemas económicos da população. Cada uma das secções foi dividida, por necessidade de método, nas sub-secções indispensáveis. Dada a vastidão da matéria geral, são propostos, em quadro anexo, alguns temas que especialmente se recomendam para estudo. A parte do programa relativa às colónias versar-se-á nas sessões do Congresso Colonial (IX da série do Congresso do Mundo Português).

A organização em secções é a seguinte:

#### 1.ª SECÇÃO — Demografia e higiene

a) Distribuição da população; b) Natalidade, nupcialidade e mortalidade. Crescimento da população; c) Morbilidade; d) Profilaxia e higiene.

#### 2.ª SECÇÃO — Antropologia

a) Biometria diferencial e biotipologia; b) Biologia racial; c) História étnica; d) Eugenia; e) Psicologia da população.

#### 3.ª SECÇÃO — Etnografia

a) Ergografia; b) Folclore.

#### 4.ª SECÇÃO — Problemas sociais da população

a) Geografia humana; b) Organização social; c) Educação e assistência; d) Criminalidade.

#### 5.ª SECÇÃO — Problemas económicos da população

a) A população e os recursos naturais; b) A produção, o trabalho e o corporativismo; c) Migrações internas e externas; d) O custo da vida.

Os principais temas propostos são:

#### 1.ª SECÇÃO — Demografia e higiene

1 — Crescimento e distribuição da população.  
2 — Morbilidade e mortalidade, nas suas relações com as instituições de assistência e de profilaxia.

3 — Correcções higiénicas a introduzir na vida rural portuguesa.

4 — Higiene da alimentação no povo português, educação dêste nos respectivos princípios e de acôrdo com as produções regionais.

5 — Salubridade dos aglomerados populacionais e a da habitação pobre nos meios urbanos.

6 — Profilaxia contra doenças evitáveis e defesa permanente contra endemias.

7 — Elementos demográficos utilizáveis na definição dos meios de revigoramento, aproveitamento e expansão da gente portuguesa, tanto na Europa como além-mar.

8 — Bibliografia.

## 2.<sup>a</sup> — Antropologia

1 — Origens antropológicas do povo português.

2 — Robustez física, condições fisiológicas e vitalidade do nosso povo.

3 — Tipos constitucionais e psicológicos e fórmulas endocrínicas na população portuguesa.

4 — Factores degenerativos na nossa população; seu combate; medidas eugénicas aconselháveis.

5 — Elementos alógenos no povo português.

6 — Bibliografia.

## 3.<sup>a</sup> SECÇÃO — Etnografia

1 — O mar na vida popular:

*a)* Razões da atracção do mar sôbre o homem; *b)* A luta entre o mar e a terra; *c)* Síntese da influência do mar na vida popular.

2 — A família:

*a)* Tradições dêste elemento social; *b)* A trilogia da vida (nascimento, casamento e morte); *c)* Tentativa da filiação das tradições da organização familiar no quadro das civilizações antigas.

3 — A arte popular portuguesa:

*a)* Bosquejo histórico da origem dos motivos decorativos; *b)* Relações com a simbólica; *c)* Valor estético da arte popular.

4 — O povo e a simbólica:

*a)* Possível origem dos vélhos símbolos; *b)* A representação gráfica dos símbolos; *c)* Necessidade que o povo tem do seu emprêgo.

5 — Influência dos mouros, judeus e negros na etnografia portuguesa.

6 — Música popular portuguesa: os arcaísmos.

7 — Bibliografia.

## 4.<sup>a</sup> SECÇÃO — Problemas sociais

1 — Robustecimento e protecção da família portuguesa:

*a)* Plano de providências a adoptar; *b)* O casal de família; *c)* A questão do divórcio.

2 — A assistência material e espiritual:

*a)* Plano de providências a adoptar; *b)* A prostituição em Portugal: sua repressão; *c)* O factor económico e a saúde moral da população.

3 — A influência do factor moral e religioso no desenvolvimento da população.

4 — Condições geo-sociais da fixação na planície alentejana do excesso demográfico do noroeste português.

5 — Criminalidade de adultos em Portugal:

*a)* Elementos etiológicos; delinqüência e alcoolismo; *b)* Delinqüência e biotipologia portuguesa; *c)* Métodos de análise delinqüencial e propedêutica criminológica.

6 — Criminalidade infantil no nosso país e meios de a combater.

7 — Bibliografia.

## 5.<sup>a</sup> SECÇÃO — Problemas económicos

1 — O enquadramento geo-económico da população portuguesa através dos séculos.

2 — A indústria agrícola como elemento da vida da nacionalidade.

3 — O condicionamento actual do trabalho da grei.

4 — O factor económico no aumento da população.

5 — A emigração para o Brasil na história económica e demográfica de Portugal.

6 — Orientação da actividade portuguesa para um destino nacional.

7 — Bibliografia.

Algumas indicações regulamentares:

O Congresso de Ciências da População será essencialmente constituído por portugueses e para versar assuntos portugue-

ses, mas esperam-se e desejam-se colaborações estrangeiras idóneas.

Este Congresso realizar-se-á no Pôrto em 1940, sendo inaugurado em 12 de Setembro.

Os manuscritos de todos os trabalhos anunciados devem ser apresentados no Secretariado do Congresso de Ciências da População (Delegação, no Pôrto, da Comissão Executiva dos Centenários, Avenida dos Aliados, 41-4.º) até 31 de Janeiro de 1940, a-fim-de serem impressos.

Os estudos sôbre os temas propostos não poderão exceder 30 páginas de vinte e cinco linhas dactilografadas, devendo ser acompanhados das respectivas bibliografias.

Quanto às comunicações livres, não poderão exceder 16 páginas dactilografadas.

A Comissão Organizadora é assim constituída:

PROF. DR. ANTÓNIO AUGUSTO ESTEVES MENDES CORREIA, professor catedrático da Faculdade de Ciências do Pôrto, director do Instituto de Antropologia, procurador à Câmara Corporativa, membro efectivo da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa da História, presidente da Comissão; PROF. DR. ABEL DE ANDRADE, antigo director geral da Instrução Pública, professor aposentado da Faculdade de Direito de Lisboa, procurador à Câmara Corporativa; PROF. DR. EUSÉBIO TAMAGNINI DE MATOS ENCARNAÇÃO, antigo ministro, professor catedrático da Faculdade de Ciências de Coimbra e director do Instituto de Antropologia; DR. JOSÉ ALBERTO DE FARIA, director geral de Saúde; PROF. DR. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, professor catedrático aposentado da Faculdade de Letras de Lisboa, director honorário do Museu Etnológico Português do Dr. Leite de Vasconcelos, membro efectivo da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa da História; PROF. DR. RUI ENNES ULRICH, antigo embaixador, professor catedrático e director da Faculdade de Direito de Lisboa, procurador à Câmara Corporativa, da Academia das Ciências de Lisboa; DR. ALBERTO PINHEIRO TORRES, advogado e director da Cadeia Civil do Pôrto; PROF. DR. ANTÓNIO DE ALMEIDA GARRETT, professor catedrático e director da Faculdade de Medicina do Pôrto, director da Maternidade Júlio Deniz; DR. AUGUSTO CÉSAR PIRES DE LIMA, professor do Liceu Rodrigues de Freitas, presidente da Comissão de Etnografia e História do Douro-Litoral; PROF. DR. JOAQUIM ALBERTO PIRES DE LIMA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor catedrático da Faculdade de Medicina do Pôrto, director

do Instituto de Anatomia; PROF. DR. TOMAZ JOAQUIM DIAS, professor catedrático e director da Faculdade de Engenharia do Pôrto; DR. ANTÓNIO PEDRO PINTO DE MESQUITA, advogado; DR. FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA, médico do Conservatório de Música do Pôrto; DR. JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS JÚNIOR, assistente da Faculdade de Ciências do Pôrto; DR. MÁRIO CARDIA, director do Hospital e do Dispensário anti-tuberculoso de Matozinhos; DR. TOMAZ LOPES CARDOSO, advogado e director do Refúgio da Tutoria Central da Infância do Pôrto; DR. ALFREDO MENDONÇA DA COSTA ATAÍDE, naturalista do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Pôrto, secretário da Comissão.

### As figuras papilares digitais nos aborígenes de Angola

(Contribuição para o seu estudo)

#### I

Tem o presente trabalho um único objectivo: contribuir, embora com mínima e desvaliosa parcela, para a grande obra do estudo científico dos aborígenes das nossas Províncias Ultramarinas — campo onde (forçoso é reconhecê-lo) ainda há muitíssimo por fazer.

Versa este trabalho, que tenho a honra de apresentar à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, a distribuição das figuras papilares digitais em dois importantes grupos étnicos de Angola: Quiôcos e Nhembas.

É assunto interessante — este do estudo das impressões digitais. Interessante e oportuno, pois que, muito recentemente, num dos últimos números da excelente revista *L'Anthropologie*, ao referir-se a investigações desta natureza, o ilustre professor H. V. Vallois escreveu que «ces recherches sont toujours à l'ordre du jour».

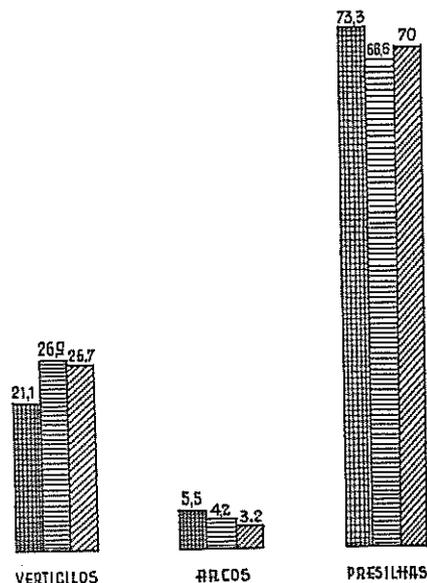
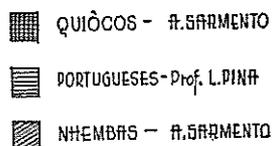
Sôbre o estudo das impressões digitais, distribuição das figuras papilares, etc., creio que pouco ou quási nada há ainda feito aqui em Angola.

Interessante e indispensável seria, pois, que mais investigadores se dedicassem também a este assunto. Dos resultados por todos obtidos seria, então, mais fácil e seguro tirarem-se conclusões que permitissem a comparação entre os tão diversos grupos

étnicos espalhados pelos vastos territórios de Angola, e entre eles e os das outras províncias do Ultramar, dos portugueses da Metrópole, etc.

II

Incidiu o presente trabalho sobre indígenas quiôcos e nhembas da região de Menongue, província e distrito de Bié — região



Distribuição de arcos, presilhas e verticilos em Portugueses brancos e indígenas Quiôcos e Nhembas (de Angola)

onde venho exercendo as funções de Delegado de Saúde e que tenho procurado estudar sob o ponto de vista etno-antropológico o melhor que sei e posso, trazendo assim à nossa investigação científica colonial a modesta contribuição que me é possível dar-lhe.

Foram estudados 113 nhembas (ganguelas) e 107 quiôcos, todos indivíduos do sexo masculino e adultos.

É relativamente pequena a série por mim estudada, mas os resultados obtidos não são destituídos de interesse, pois neste género de estudo há alguns que têm sido levados a efeito com séries consideravelmente menores.

A exemplo de diversos autores em trabalhos desta natureza (como, por exemplo, o ilustre professor Dr. Luiz de Pina), considerarei como figuras papilares três tipos: o arco, o verticilo e a presilha, incluindo nesta última designação as variedades interna e externa.

Eis os resultados que obtive:

I — NHEMBAS (*Ganguelas*).

a) Mão direita:

Presilhas . . . . .	395
Verticilos . . . . .	153
Arcos . . . . .	17

b) Mão esquerda:

Presilhas . . . . .	396
Verticilos . . . . .	149
Arcos . . . . .	20

Totalizando as diversas figuras papilares observadas nas duas mãos, temos a seguinte percentagem da sua distribuição:

Presilhas . . . . .	70 %
Verticilos . . . . .	26,7 %
Arcos . . . . .	3,2 %

II — QUIÔCOS.

a) Mão direita:

Presilhas . . . . .	384
Verticilos . . . . .	122
Arcos . . . . .	29

b) Mão esquerda:

Presilhas . . . . .	401
Verticilos . . . . .	104
Arcos . . . . .	30

Totalizando também, como para os Nhembas, as figuras nas duas mãos, obtemos as seguintes percentagens para os Quiôcos:

Presilhas . . . . .	73,3 0/0
Verticilos . . . . .	21,1 0/0
Arcos . . . . .	5,5 0/0

## III

Comparando os valores obtidos para os Nhembas com os dos Quiôcos, verifica-se que entre estes dois grupos étnicos existem diferenças, havendo nos primeiros um predomínio de verticilos em relação aos segundos e nestes um excesso de presilhas e arcos em relação àqueles.

Mas sou de opinião que essas diferenças não são de molde a permitir só por elas a distinção entre os dois grupos étnicos que foram objecto deste estudo.

## IV

Ao Primeiro Congresso Nacional de Antropologia Colonial, refinado na Cidade Invicta em 1934, apresentou o professor Dr. Luiz de Pina um trabalho sobre a distribuição das figuras papilares digitais nos negros de Angola, Moçambique e Guiné que se encontravam reunidos na Exposição Colonial.

Desse magnífico estudo vou extrair os valores obtidos pelo illustre Professor, aos quais junto outros, também posteriormente obtidos pelo mesmo investigador e que conheço através duma citação no número de Junho de 1938 da revista *L'Anthropologie*:

	Portugueses		Negros da Expos. Colonial	Quiôcos	Nhembas
	L. PINA (1000)	L. PINA (1000)	L. PINA (275)	A. SARMENTO (107)	A. SARMENTO (113)
Arcos . . . . .	4,2	5	5,1	5,5	3,2
Presilhas . . . . .	68,6	70	68,3	73,3	70
Verticilos . . . . .	26,9	25	26,5	21,1	26,7

Do estudo comparativo deste quadro, somos levados a concluir (conclusão esta que se harmoniza completamente com a do

professor Luiz de Pina no seu citado estudo) que entre os portugueses europeus e os indígenas quiôcos de Angola há pequenas diferenças na distribuição das figuras papilares digitais, havendo nos primeiros maior percentagem de verticilos e nos segundos de arcos e presilhas.

Com os indígenas nhembas (ganguelas) as diferenças são enormes. Mas, englobando-se os valores obtidos para os quiôcos e ganguelas, mantêm-se as diferenças apontadas entre os portugueses europeus e os negros africanos.

Vila Serpa Pinto (Angola—Bié). Novembro de 1938.

ALEXANDRE ALBERTO SARMENTO

Médico dos Serviços de Saúde de Angola  
Sócio efectivo da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

## Notas arqueológicas sobre o castro de Lanhoso

Quem algum dia atravessou a risonha vila de Póvoa-de-Lanhoso — pátria da semi-lendária heroína Maria-da-Fonte, figura de avantajado relêvo na revolução popular de 1846 — por certo notou a enorme e alcantilada penedia granítica que, imóvel e majestosa (fig. 1), destacando-se a muitos quilómetros de distância, lhe guarda a entrada e sobre a qual, no seu extremo N. e no ponto mais elevado, assenta ainda a torre de menagem do velho castelo de Lanhoso, dominando o vasto horizonte que à sua volta se desenrola a perder de vista; ao lado da veneranda torre, como acolhida à sua protecção, ergue-se branquejante a igreja da Senhora-do-Pilar, com os seus nichos que, escalonados pela encosta, descem até à margem da estrada que de Braga se dirige a terras de Basto e corta de lés a lés o pequeno burgo.

O castelo de Lanhoso remonta, segundo vários autores, aos tempos romanos, tendo P. Leal chegado a afirmar que na torre existira uma lápide com a inscrição «Crastinus aedificavit»; foi residência durante muito tempo da rainha D. Tereza que ali assinou com sua irmã D. Urraca o célebre *tratado de Lanhoso* que pôs termo às dissensões que entre as duas havia (1121). Diz ainda a lenda — e só a lenda pelo que hoje está averiguado — que Afonso Henriques ali encerrara prisioneira sua mãe após a batalha de S. Mamede.

Em 1680 um negociante rico, de Lanhoso, teve a infelicíssima idea de fazer demolir grande parte das obras do velho reduto

para edificar com a pedra o santuário da Senhora-do-Pilar. Sobre os magros vestígios de alicerces que ainda ficaram está-se hoje procurando reconstituir o antigo e venerando monumento.

Este rochedo, de paredes abruptas, escorregadias e inacessíveis, talhadas quasi a pique por todos os lados, pela fácil defesa e situação dominante que ocupa, estava naturalmente indicado para servir de baluarte ou abrigo aos indefesos povos de anta-



Fig. 1

no. E não foram só os romanos invasores ou os guerreiros medievos que sobre o inexpugnável rochedo estabeleceram o seu reduto, tiveram os seus arraiais.

Muito antes dêles, no decurso dos tempos da Pre e da Proto-história, servira já o mesmo local de assento a uma modesta povoação castreja, que se estendeu, sem dúvida, primeiro pela larga plataforma rochosa onde hoje se vê a torre de menagem e a igreja, e mais tarde veio ainda ocupar pequenos terraços socalcados, adrede construídos na meia encosta ocidental da elevação granítica menos abrupta e escarpada.

Com efeito, ao abrir uma estrada destinada a facilitar o acesso ao alto do Pilar e ao castelo (fig. 2), foram postas a descoberto ruínas de construções castrejas e encontrados muitos vestígios dos seus remotos habitantes.

Apareceram assim alicerces de casas circulares, do tipo vulgar dos castros, tendo de diâmetro cerca de 4<sup>m</sup>,5 e com uma espessura de paredes aproximadamente de 40 cm. (fig. 3).



Fig. 2

Numa destas casas vê-se ainda, no centro, uma pedra achatada, de pequena espessura e contôrno trapezoidal, irregular, com cerca de 0<sup>m</sup>,50 de largura máxima, mostrando no centro uma cova circular de 8 cm. de diâmetro, que serviu talvez de apoio ao sustentáculo da cobertura.

Esta casa, porque ficava em plano inferior a outras que se encontram a pequena distância, foi resguardada do lado de cima por um muro de suporte.

A estrada cortou, na encosta, quatro ou cinco destas casas,

muitas outras se adivinhando dum e doutro lado, à superfície, no terreno inculto.

Diz Pinho Leal que, além do castelo, havia no local ruínas de outras fortificações, referindo-se, talvez, aos restos castrejos.

Entre os objectos agora encontrados há várias mós manuais

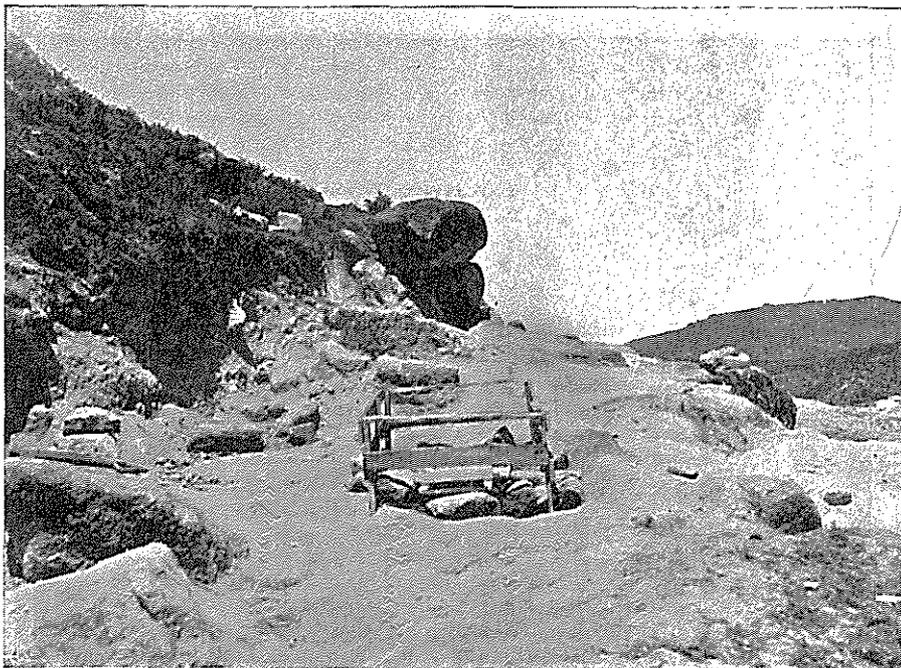


Fig. 3

(Foto cedida pelo jornal *O Primeiro de Janeiro*)

do tipo comum dos castros romanizados, trituradores de pedra com vestígios de utilização, polidores, calhaus rolados, pedras cilíndricas com a forma de marco e cêrca de 70 cm. de altura, muita cerâmica, etc.

Quanto à cerâmica abundam os fragmentos de *tegulae* e *imbrices* e os restos de vasos de variadíssimos tamanhos e feitios. Notam-se grandes vasos de bordo largo e grosso (fig. 4), vasos de asa interior, queimados exteriormente, com as características e

o formato peculiar, pequenos vasos de fundo plano e asa em arco, quási do tipo dos actuais, etc.

O barro é amarelo ou, em menor número de casos e só nos

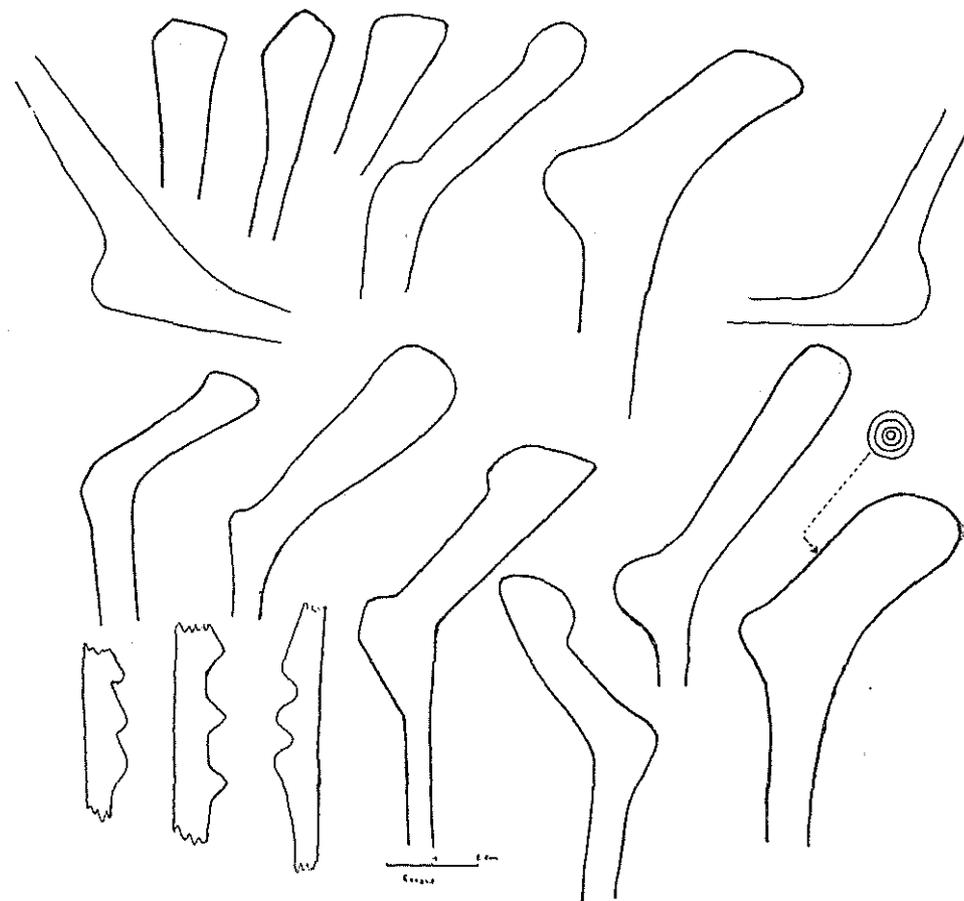


Fig. 4

pequenos vasos, negro, mas sempre muito micáceo, como é de uso na cerâmica castreja.

Pouca é a cerâmica ornamentada. Os motivos ornamentais assinalados são constituídos por sulcos incisos, paralelos ou entrecruzados, formando conjuntos triangulares, em espinha de peixe, etc., por covas alinhadas, por séries de *palmipedes* estam-

pados, ladeados de sulcos paralelos (fig. 5), etc., motivos, como se vê, tipicamente castrejos.

Dois fragmentos do bordo dum grande vaso mostram na

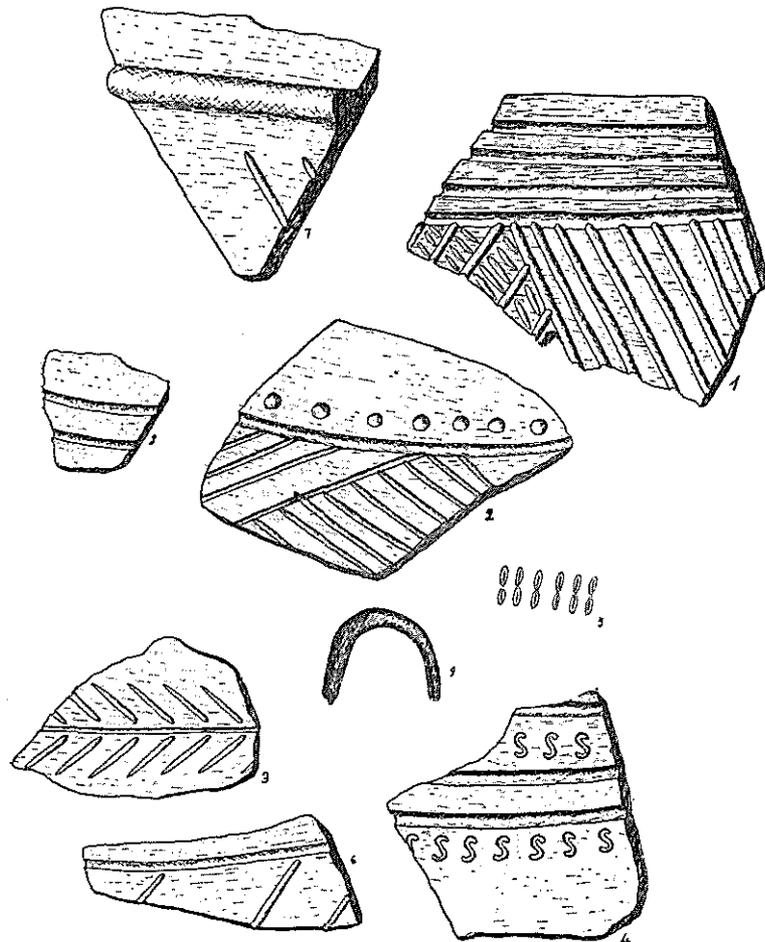


Fig. 5

face superior daquele, a meio, uma pequena marca constituída por círculos concêntricos (fig. 4).

São vulgares, especialmente em vasos de tamanho médio, cordões salientes, lisos, em série dupla ou tripla, percorrendo o bojo do vaso a tóda a volta (figs. 4 e 5).

Entre muitos cossoiros aparecidos, alguns simples fragmentos cerâmicos arredondados e furados no meio, há um certo número com ornatos estampados na face lateral (fig. 5, 5).

Os fragmentos de cerâmica castreja aparecem não só na encosta oriental, onde estão os restos de casas, como também



Fig. 6

junto dos muros da tórrre de menagem, no alto do môrro, onde foram encontrados fragmentos de grandes vasos.

Quanto a objectos metálicos foram encontrados um arco de fíbula (fig. 5, 9) e uma lâmina de cobre. Recentemente apareceram três valiosos torques de ouro de que já noutro lugar dei notícia (1).

(1) C. Teixeira, *Os torques d) Castro de Lanhoso* « Anais da Fac. de Ciências do Pórrto », vol. XXIV, fasc. IV, 1939.

\*  
\* \* \*

No intervalo de duas casas circulares apareceu uma sepul-



Fig 7

(Foto cedida pelo jornal *O Primeiro de Janeiro*)

tura do tipo luso-romano, sem dúvida alguma, posterior às construções que a rodeiam.

Tem a forma quadrangular (fig. 6), sendo formada por *tegulae*;

as *tegulae* das testeiras têm a face do rebordo voltada para o exterior; a cobertura era constituída por *tegulae* justapostas, com as juntas cobertas por *imbrices*. A sua largura na base era de 36 cm., igual à altura, sendo o comprimento cêrca de 1<sup>m</sup>,5. Na terra que a enchia apenas apareceram grossos pregos de ferro muito oxidados.

\*  
\* \* \*

Cêrca de 50<sup>m</sup> distante dos primeiros restos de casas aparecidos, foi encontrada uma escultura de granito, de pequeno tamanho (20 cm.) representando um individuo sentado numa cadeira de braços, já sem cabeça, de braços estendidos e mãos apoiadas sôbre os joelhos, escavada pela parte inferior, que foi apresentada em notícia de jornais como um *ídolo* (fig. 7).

Mostra na parte correspondente às costas da cadeira e no braço direito vestígios de pequenos furos, num dos quais há ainda um pedaço de ferro muito oxidado.

A sua utilização e primitiva proveniência são incertas, não podendo fazer-se sôbre ela mais do que simples conjecturas.

\*  
\* \* \*

O castro de Lanhoso está, como se vê, dentro do tipo comum dos castros desta região. O estudo comparativo do seu espólio mostra as profundas afinidades que existem com os castros vizinhos, já explorados e conhecidos, como seja com o castro de Sabroso, a Citânia, o Castro Máximo, etc.

Para se avaliar da importância que êste maravilhoso local representaria para os Romanos, bastará dizer que a importante estrada romana da *Geira* lhe passava perto, avistando-se dali em larga extensão. Por isso são tão evidentes os vestígios de romanização.

Pôrto, Agosto, 1939.

CARLOS TEIXEIRA.

Recentemente, já depois de estarem prontas para impressão estas notas, foi encontrado no castro de Lanhoso um interessantíssimo capacete de bronze, primitivo, mostrando, em especial, um motivo ornamental constituído por uma série de *escudetes com besantes*, como os de alguma cerâmica castreja e de certas jóias arcaicas.

### Molde de fundição para machados de bronze de duplo anel

Sobre os conhecimentos metalúrgicos dos povos pre-históricos do ocidente peninsular são escassos os elementos de que dispomos.

É sabido que grande número de jazigos mineiros desta parte da Península foi intensivamente explorado durante a Idade do Ferro e, mais tarde, durante o domínio romano. Em especial as minas de ouro mereceram a estes últimos interesse particular, como o atestam os vestígios de exploração deixados em Valongo, em Alfarela de Jales, em Boticas <sup>(1)</sup>, Laundos, Barcelos, etc. Porém, os processos de metalurgia usados são-nos quasi absolutamente desconhecidos.

Pelo que diz respeito à Idade do Bronze, o aparecimento de numerosos esconderijos de fundidor, sobretudo no centro de Portugal e ao Norte do Douro (Abelheira, Bujões, Carpinteira, Covilhã, Ferreira de Aves, Ganfei, Monte da Saia, Paredes de Coura, Torre de D. Chama, Viatodos, Vilar de Mouros, Vilar de Punhe <sup>(2)</sup>, etc.), a existência conjuntamente com aquêles de escórias de fundição e de bôlos de metal <sup>(3)</sup>, e o facto de muitos dos objectos encontrados apresentarem ainda rebarbas de fundição, e, ainda, o aparecimento de moldes destinados à confecção daqueles objectos mostram o desenvolvimento extraordinário que, neste ponto da Península, teve a metalurgia nesse recuado período da Pre-história.

A abundância das matérias primas necessárias para a obtenção do bronze facilitou, sem dúvida alguma, extraordinariamente, esta actividade. O estanho encontra-se largamente espalhado em todo o centro e norte de Portugal e na Galiza, enquanto que o cobre, como se sabe, abunda no Alentejo e no Algarve.

Que os povos que na Idade do Bronze povoavam o ocidente peninsular conheciam perfeitamente a técnica da metalurgia e fundição do bronze é incontestável; porém, os processos e pormenores desta indústria difícil é hoje descobri-los ou adivinhá-los.

<sup>(1)</sup> Vid. A. de Melo Nogueira, *Uma exploração de minas de ouro da época romana*, in «Revista de Arqueologia», t. III, pág. 201.

<sup>(2)</sup> Rui de Serpa Pinto, *Activité minière et métallurgique pendant l'âge du bronze en Portugal* — Pôrto, 1933.

<sup>(3)</sup> Vid., por exemplo, *O Tesouro de Viatodos*, in «Portugália», II, pág. 110.

\*

\* \*

Como elemento valioso para o estudo da metalurgia pre-histórica do bronze no nosso país, há a assinalar o curioso achado, nos arredores de Castro-Daire, de um molde de fundição de machados de duplo anel (*palstaves*), objecto que, por intermédio do Dr. A. Rozeira, foi oferecido pelo seu detentor—o Dr. J. Marques—ao Museu do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto.

É um molde bivalve, de bronze, patinado, coberto de verdete, medindo cêrca de 40 centímetros de comprimento e cujo pêso total é aproximadamente 3<sup>k</sup>,900 (fig. 1).

Foi encontrado por um pedreiro, junto dum penedo, nos limites do lugar de Vila-Boa do concelho atrás referido.

Para melhor ajustamento das valvas, uma delas possui quatro espigões laterais e uma saliência inferior que encaixam em reentrâncias correspondentes da outra valva.

Superiormente as valvas são escavadas em concha, formando, depois de justapostas, uma espécie de funil destinado a receber a matéria em fusão utilizada na moldagem.

Cada valva possui, um pouco acima do meio do dorso, uma asa, mostrando uma delas sinais de ter sido quebrada e posteriormente soldada de novo (fig. 2).

Os machados fundidos por este molde eram do tipo vulgar, de duplo anel, do noroeste peninsular (*palstaves*) (fig. 2). O seu comprimento atingia cêrca de 26 centímetros. São conhecidos desta região vários machados de bronze de idênticas características morfológicas.

No Museu Municipal do Pôrto existe um machado de duplo anel proveniente de Santa Justa, Valongo, cujo desenho é idêntico ao do modelo de Castro-Daire, sendo, de entre a valiosa colecção ali exposta, o único que apresenta como aquêles, inferiormente ao ressalto médio (ou *talão*), um ornato em forma de triângulo com terminação esférica.

\*

\* \*

O aparecimento de moldes de fundição, quer de bronze, quer de pedra ou de argila, uni ou bivalves, destinados ao fabrico de objectos vários característicos da Idade do Bronze, tem sido assinalado em quasi todos os países da Europa, atestando, dêsse

modo, a extraordinária difusão dos conhecimentos metalúrgicos daquele tempo.

De bronze foram encontrados moldes na França, na Inglaterra, na Suíça, na Itália (1), etc.; segundo Dechelette estes moldes

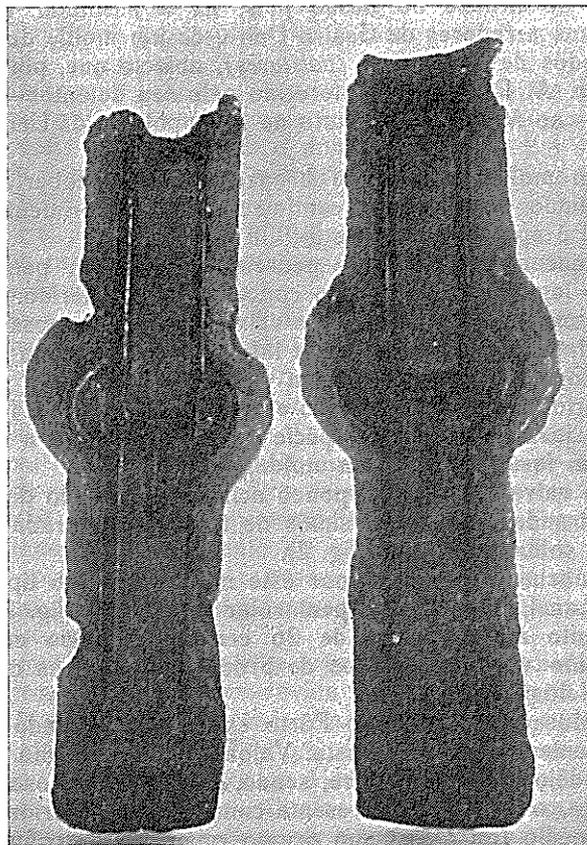


Fig. 1

serviam talvez para o fabrico de modelos de cera que, em seguida, eram utilizados na confecção de moldes de argila; derretida a cera depois de sêco o molde, a cavidade deixada era facilmente

(1) J. Dechelette, *Age du Bronze*, Manuel d'Archeologie, pág. 184.

cheia com o bronze em fusão; pela fractura dêste molde argiloso obtinha-se o objecto moldado, que apenas necessitava de ligeiros retoques.

Pelo que diz respeito à Península Ibérica conhecem-se achados diversos de moldes da Idade do Bronze.

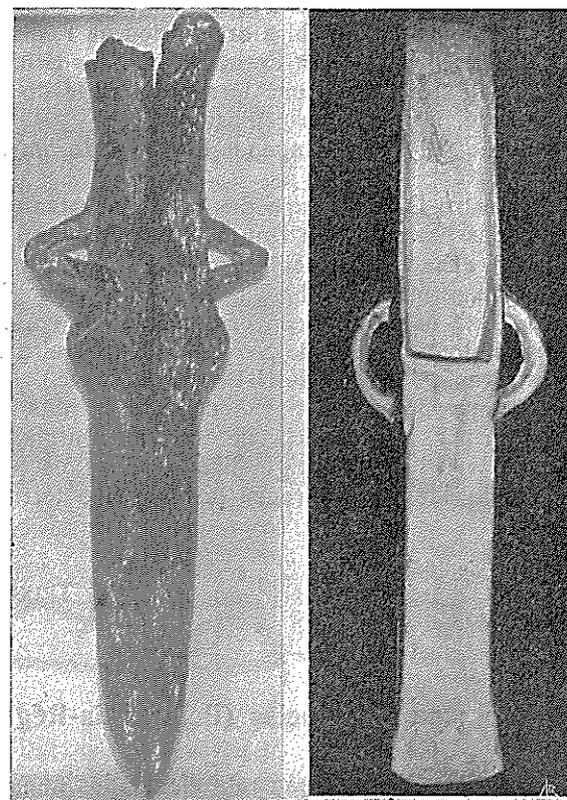


Fig. 2

Na Galiza (1) e nas Astúrias foram encontrados moldes para o fabrico de machados e, em Portugal, foi assinalado o apareci-

(1) F. Cuevillas e B. Brey, *Os Oestrinnios, os Saefes e a Ofiolatria em Galiza*, pág. 79.

mento de um molde de pedra para *foicinha*, em Casal de Rocanes (Cacem), estudado pelo Dr. J. Fontes (1) (1916).

O molde de Castro-Daire agora descrito constitue, pois, um importante achado e um elemento precioso sob o ponto de vista arqueológico.

É sabido que os machados de bronze do tipo dos que este molde podia fornecer, de duplo anel e ressalto médio (*haches à talon*), são próprios da Europa Ocidental e originários da Península Ibérica, de onde passaram ao sul da França e às Ilhas Britânicas (2). São particularmente frequentes nas terras do norte do Douro e na Galiza (3), isto é, no noroeste peninsular (4).

Proveniente do sul do Tejo apenas é conhecido um machado de duplo anel (5).

Quanto a Castro-Daire, é uma das mais importantes regiões estaníferas situadas entre Tejo e Douro. Nos seus subúrbios têm sido assinalados achados arqueológicos da Idade do Bronze, nomeadamente numerosos machados de duplo anel (6), como pode ver-se na carta de distribuição destes objectos em Portugal, elaborada pelo malogrado Rui de Serpa Pinto (Ferreira de Aves, Castendo e Laudamio, Mondim da Beira, Guifães, etc.).

O aparecimento do molde agora descrito é, pois, mais um elemento a confirmar a existência de uma metalurgia indígena, com certas características de originalidade, entre os povos que durante a segunda Idade do Bronze povoaram o território que hoje ocupamos.

Pôrto, Outubro de 1939.

CARLOS TEIXEIRA.

### Estação romana de Canelas (Poiares-da-Régua)

Durante trabalhos de arroteamento efectuados numa encosta da Quinta da Fonte do Milho, em Canelas, próximo de Poiares-da-Régua, num local já assinalado, ao que ouvi dizer, por acha-

(1) J. Fontes, *Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocanes*, in « Bull. de la Soc. Port. de Sc. Nat », 1916.

(2) J. Dechelette, *ob. cit.*, págs. 248 a 251.

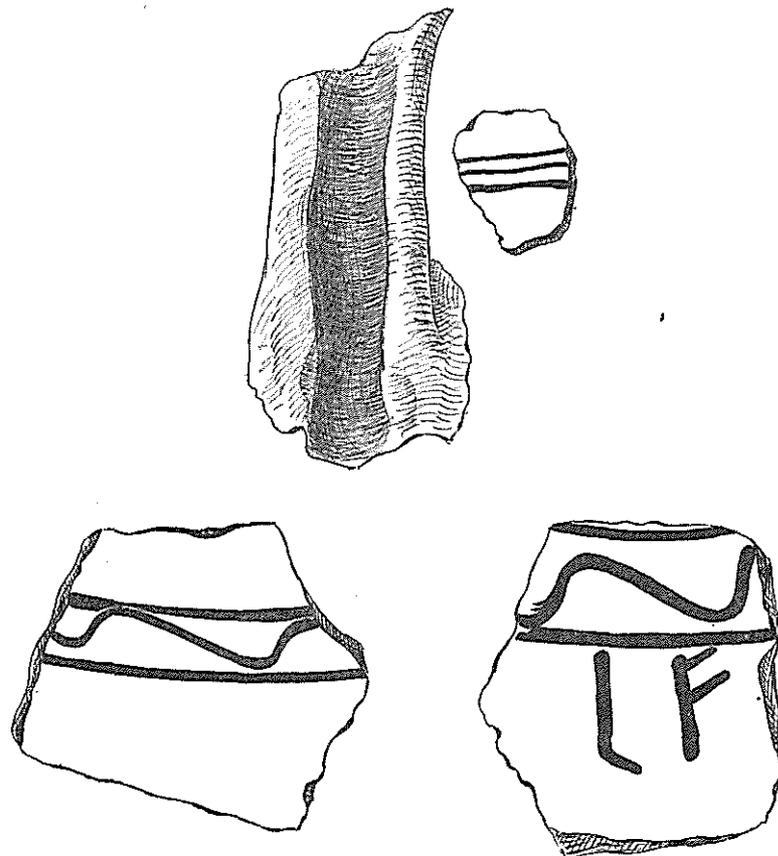
(3) Vid. A. del Castilho, *Haches de bronze de talon*, 1927.

(4) Rui de Serpa Pinto, *ob. cit.*, fig. 4.

(5) Rui de Serpa Pinto, *ob. cit.*, fig. 3.

(6) Cfr. F. Cuevillas e B. Brey, *ob. cit.*, págs. 71 e segs.

dos arqueológicos diversos, foram postas a descoberto ruínas que, segundo todos os indícios, pertenceram a uma villa romana, solitária casa de campo que foi talvez centro de longínqua exploração agrícola destas íngremes lombas onde a vinha tam admiravelmente medra e frutifica.



Fragmentos cerâmicos provenientes das ruínas romanas de Canelas

Só uma pequena parte destas ruínas, segundo tudo leva a crer, foi desempedida do entulho que a soterrava, não podendo por isso avaliar-se a sua verdadeira extensão e possível riqueza. Nota-se, porém, a sua continuação sob as terras não removidas. Os restos mais importantes até agora descobertos constam de uma espécie de recinto quadrangular, que foi, sem dúvida, uma

piscina (fig. 1), com cerca de 1<sup>m</sup> de altura, tendo de um dos lados quatro degraus que permitem descer até ao fundo (fig. 1) e, apresentando as suas paredes totalmente recobertas por interessantíssimo mosaico policrómico — *opus vermiculatum* —, o que dá a esta estação excepcional valor.

O bordo superior dêste recinto é arredondado, formando o mosaico sobre êle um friso em forma de cordão entrelaçado (figs. 1, 2 e 3), motivo comum em monumentos congêneres.



Parte da muralha do castro sobrejacente às ruínas romanas de Canelas

Os panos laterais dêste curioso recinto são preenchidos por figuras pisciformes (figs. 2 e 3), em graciosas atitudes, entre os quais parece destacar-se um golfinho aprisionando um pequeno teleosteo (fig. 4).

Nos degraus da escada, também recoberta de mosaico, apenas se notam motivos geométricos.

As *tesselae* que constituem êste mosaico são pequeninos cubos de calcáreo justapostos e assentes sobre argamassa, formando bloco relativamente espêsso e resistente.

O fundo do *panaux* é constituído por blocos de calcáreo branco e as figuras delineadas com calcáreo prêto e róseo.

Na parte superior das escadas, em continuação com o último degrau, o mosaico prolonga-se em superfície horizontal formando pavimento, decorado com motivos geométricos mas cuja extensão não pode avaliar-se por estar coberto de entulho.

Entre os vários objectos encontrados no local figura uma coluna de granito, cilíndrica, com um pequeno capitel, pedaços de cerâmica de grandes e grossos vasos, talvez *dolia*, uma asa de ânfora, fragmentos de louça *arretina*, moedas romanas, etc.



Aspecto geral da piscina romana de Canelas

Num dos fragmentos de grandes vasos, de ornatos simples, vê-se profundamente grava a a marca L F.

Encontram-se ainda ossos, dentes, terras carbonosas, etc., vestígios evidentes da ocupação humana.

Logo por cima destas ruínas, a poucos metros, no alto da íngreme encosta, sobranceiro ao rio que corre lá em baixo, notam-se os restos de um castro de que a fotografia junta mostra parte de um pano da muralha. Em cima, no interior do castro, na terra recentemente removida para cultura, abundam restos cerâmicos variados e típicos.

\*

\* \*

Dêste lado do Douro, na região transmontana, são estas as segundas ruínas romanas com mosaicos de que tenho conhecimento.

Com efeito, a poucos quilómetros de Poiães, em Tralhariz, no concelho de Carrazeda-de-Anciães, foram há alguns anos postas a descoberto as ruínas de uma outra *villa* <sup>(1)</sup>, em situação idêntica, sôbre o rio Tua, onde apareceu um mosaico policrômico com ornatos geométricos.

Na região minhota, são notáveis os mosaicos encontrados em Vizela, local que nos tempos romanos atingiu grande importância pelas suas águas minero-medicinais. Os mosaicos de Vizela mostravam interessantes desenhos geométricos <sup>(2)</sup>.

A presente descoberta das ruínas de Canelas reveste-se por isso de excepcional importância, vindo salientar o valor da penetração e da ocupação romana desta região montanhosa e agreste onde se cria o precioso nectar... de tão longa data conhecido e apreciado.

Certamente foi a cultura da vinha, da oliveira, etc., que motivou o estabelecimento destas *villas* em regiões onde nem a amenidade do clima nem a beleza dos horizontes seria motivo justificável da sua localização. A via natural de comunicação estava, ali bem perto, no curso do Douro, estabelecendo ligação fácil com as povoações da Foz do rio, onde passava importante via romana.

Sôbre o valor e o interesse dos mosaicos de Canelas direi apenas que são bastante raras as figurações de peixes nos monumentos dêste género <sup>(3)</sup>, predominando as representações zoomórficas só muito tardiamente (séc. IV-VI). No sul de Portugal são, porém, vulgares estas representações pisciformes <sup>(4)</sup>, o que não acontece no norte, onde são agora, segundo julgo, pela primeira vez assinaladas.

A sua figuração neste local devia estar relacionada com a finalidade da construção. O pequeno recinto quadrangular, atrás

(1) Vid. R. Severo, «Portugalia», I, 391; J. L. de V., «O Arch. Port.», vol. V, pág. 193 e segs.; V. Correia, *O domínio romano*, in «História de Portugal», ed. de Barcelos, pág. 282 e segs.

(2) Vid. «O Arch. Port.», vol. VIII, pág. 243 e segs.

(3) Vid. sôbre êste assunto Cagnat et Chapot, *Manuel d'Arch. Romaine*, vol. II.

(4) Vid. Luiz Chaves, *Mosaicos lusitano-romanos em Portugal*, «Rev. de Arqueologia», 1936-38.

descrito, hoje meio arruinado já, foi por certo elegante piscina <sup>(1)</sup> onde cristalina água reflectia as colunatas e as garridas decorações da solitária *villa*.

\*

\* \*

Em companhia do Sr. A. Marques de Almeida, funcionário do Instituto de Antropologia da nossa Universidade, visitei esta estação em Outubro de 1938, tendo-nos acompanhado na visita o Sr. Pinto de Figueiredo e o Rev. abade de Poiães, a quem apresento agradecimentos.

Infelizmente, levado pela ingénua crença de que debaixo daquelas pedras existe enterrado um grande tesouro, o proprietário do terreno não consentiu que se fizesse a exploração das ruínas e se levasse por diante a remoção do entulho.

Dado o interesse e a raridade de monumentos similares a norte do Douro é, porém, absolutamente necessário que tal exploração se faça, metódica e progressivamente, de modo a patentear aos estudiosos os elementos que por certo hão-de surgir quando fôr removido o caótico amontoado de pedras e terras que recobrem as ruínas.

Seria mesmo de desejar que, idênticamente ao que foi feito com a estação de Tralhariz, o Estado declarasse estas ruínas como Monumento Nacional, expropriando o terreno, subsidiando as explorações e resguardando do vandalismo dos curiosos o local onde assentam tão interessantes restos por qualquer construção apropriada.

Pôrto, Faculdade de Ciências, Julho de 1939.

CARLOS TEIXEIRA.

(1) Cfr. por ex. Estácio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, in «Arch. Port.», vol. XV.



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

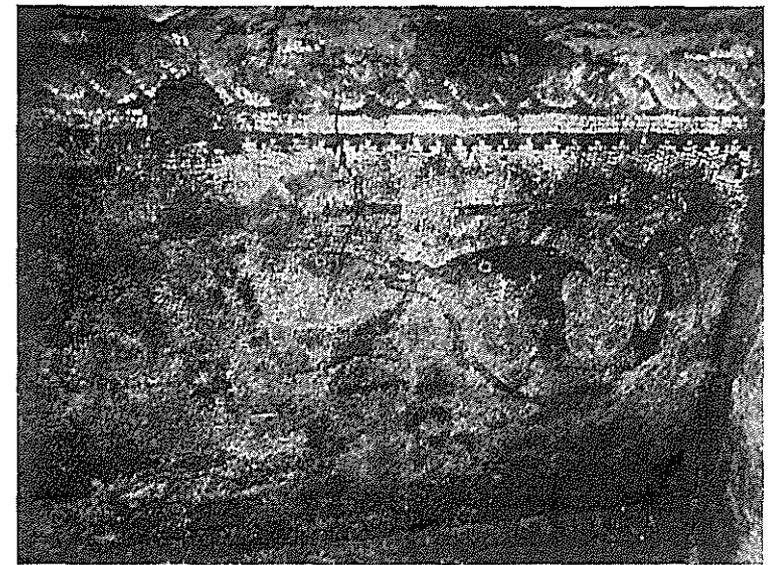


Fig. 4